



VIRIATO

Gravura extrahida da *Historia Universal* de Cesar Cantu, editada pelo sr. Francisco Arthur da Silva.

## QUADROS DE HISTORIA NACIONAL

### A MORTE DE VIRIATO

Ainda que a historia de Portugal, meus jovens leitores, comece unicamente no dia em que, separando-se da Hespanha christã, este pequeno paiz tratou de formar uma nacionalidade independente, não podemos deixar de contar no numero das nossas glorias as que illuminaram em tempos anteriores os homens que habitavam n'este canto do Occidente, porque os Lusitanos

são nossos antepassados directos, constituem o fundo da nossa raça, e é bom que vejam e notem que houve sempre n'esta região, e nas raças que a habitaram, uma tendencia tão notavel para a autonomia, que já então os Lusitanos se distinguiam tenazmente dos outros povos da peninsula. Percorram a historia da Hespanha romana; o que encontram? Uma grande multidão de povos, que todos se confundem debaixo da denominação collectiva de Hespanhoes. Ha dois apenas que logo adquirem na historia uma individualidade propria: são os Lusitanos no

Occidente e os Cantabros no Norte. São esses povos os que ainda hoje mantêm um a sua autonomia completa, outro a sua autonomia relativa: Portugal e as Vascongadas. Porque succede assim? Os Vasconos parecem pertencer a uma raça diversa da dos outros povos da península, mas os Lusitanos não. É porque apertados entre as montanhas e o mar, educados nas asperzas dos fraguedos, e nos perigos e agruras das costas, adquiriram cedo uma tempera mais rija. Percorram effectivamente os juvenis leitores, a quem estes artigos são especialmente destinados, a historia da resistencia da Hespanha ao dominio romano, o que encontram? Os Lusitanos, os Lusitanos sempre.

Só o nome de Numancia é que resplandece ao lado dos nomes, das victorias e das batalhas lusitanas. Pois resistiram os Celtiberos, resistiram tambem a Turdetanos. Folheiem comtudo a *Historia de Hespanha* de Charles Romey, que consagra largos capitulos á narrativa da resistencia da península a Roma. Quaes são os dois nomes que dominam nas luctas? o de Viriato e o de Sertorio, dois chefes de Lusitanos. Quaes são os povos que mais scria resistencia oppõem a Cesar nas suas estreias de general? Os Lusitanos ainda, os habitantes do Herminio, os habitantes da serra da Estrella. Não lhes parece que ha umas taes ou quaes semelhanças entre estes factos da historia antiga e os da historia quasi contemporanea? Numancia não lhes traz á memoria Saragoça, e Wellington Sertorio? Mas não se trata agora d'esse famoso Romano, restrinjá-mo-nos ao assumpto especial do nosso quadro historico: a morte de Viriato.

Muitas vezes se tem dito que é uma honra para Portugal começar a historia da monarchia com esse feito sublime de lealdade, que o nome de Egas Moniz a todos de certo lhes recorda. Pois não é menos honroso para o nosso paiz o facto de ser um modelo de lealdade o primeiro filho d'esta nobre terra, que ascende á vida historica e entra no Pantheon da immortalidade. Sabem quem era Viriato? Um pastor, um simples pastor da região que hoje tem o nome de Beira, nem outra coisa podia ser, porque os Lusitanos então eram simplesmente pastores ou pouco mais, uns quasi selvagens, entrados apenas no primeiro periodo da civilisação. Era um pastor e um caçador, que percorria de venabulo em punho as fragas do Herminio, da nevosa serra da Estrella, que erguia então no meio da luxuriante natureza, que até então quasi que não fôra profanada pela mão do homem, a sua cabeça toucada de neves e de arvoredos, de réconditos lagos, e de fontes d'onde brotavam, borbulhando, os rios que iam banhar a planície. Já então os Lusitanos andavam, como os outros povos da Hespanha, em lucta aberta com os Romanos, lucta em que não podiam deixar de ser inferiores; pouco podiam contra a disciplina dos civilizados exercitos da grande republica o valor e a audacia dos nossos antepassados. Mas, como se ainda isso não bastasse aos generaes de Roma, desejosos de exterminar mais depressa

a intrepida resistencia, recorreram á traição. Galba, depois de ter submettido os Lusitanos, e de lhes ter permitido que se dispersassem, mandou-os degolar á falsa fé. Era a maior de todas as loucuras. As grandes iniquidades são a semente dos grandes heroismos. Nasce da oppressão cruel, perfiada e injusta, a furia da resistencia. Neste caso fez mais ainda, suscitou um grande homem.

A colera e a indignação fizeram sair Viriato das fileiras dos seus compatriotas e irmãos de armas, e levaram-n'o a agrupal-os em torno de si para a vingança e para a lucta. Tinha o joven montanhez todas as qualidades que indigitam, em povos semi-barbaros, um homem para o commando. Era agil e sobrio, astucioso e tenaz. Conta-se que, quando casou, enquanto no festim de nupcias os seus companheiros e amigos se fartavam de comida e de bebida, elle, perfeitamente sobrio, montava a cavallo, sentava sua mulher na garupa, e levava-a, a todo o galope, para a sua tenda de guerreiro, porque devia, companheira futura da sua existencia, costumar-se desde logo a partilhar todos os descommodos e todos os perigos da sua vida de combates.

Não lhes contarei, meus jovens amigos, a lucta sustentada por Viriato contra os Romanos, as suas victorias successivas junto de Evora, junto de Vizeu, e em muitos outros pontos, a sua entrada triumphal nas outras provincias de Hespanha, o terror que se apoderou de Roma quando allí se soube que parecia ter surgido no Occidente um novo Annibal. Basta que lhes diga que os Romanos se viram obrigados a sollicitar a paz, que Viriato lh'a concedeu, justa e generosa, que Roma não quiz ratifica-la, humilhada por ver os seus pretores aos pés de um guerreiro, que um novo general Ceptião marchou contra Viriato, e, atravessando o rio Minho, começou a assollar os campos, e a praticar os actos mais violentos de hostilidade. Viriato, sereno e justiceiro, mandou simplesmente perguntar-lhe qual era o motivo d'essa infracção da fé jurada. É o astuto Romano, o homem civilisado, o filho d'essa republica orgulhosa que dava leis ao mundo, em vez de lhe responder, seduzio-lhe, comprou-lhe os enviados. Voltando ao acampamento alta noite, procuraram Viriato na sua tenda com o pretexto de lhe irem levar a resposta que elle esperava. Dormia o valente Lusitano, e não acordou mais de somno descuidoso, porque o assassinarão vilmente os seus proprios emissarios. Como o sol rompe do seio da noite e no seio da noite vai de novo immergir-se, assim o genio de Viriato rompêra das sombras da traição, nas sombras da traição se apagará tambem. Essa vergonha de Roma é para nós uma gloria nacional. O primeiro antepassado nosso, que entra na immortalidade, entra com a fronte pura e sem mancha, com a reputação, que os seus proprios adversarios nos transmittiram, porque é só pelos historiadores romanos que a conhecemos, de ter sido justo e bom, intrepido e leal.

## MULTIPLICAÇÃO CURIOSA

Ora repare bem, meu menino. Apresento-lhe um numero qualquer, e o menino multiplica-o pelo algarismo ou algarismos que quizer, mas de modo que eu não veja a operação.

Está prompto? Muito bem. Agora suprima um dos algarismos do producto, seja qual for, e mostre-me os restantes, na ordem que lhe aprouver. Vou dizer-lhe immediatamente qual foi o algarismo que o meu amiguinho suprimiu.

Exemplo: Figuremos que eu indico o numero 657; o menino multiplica-o, sem que eu veja, pelo numero 15; o resultado será 9855. Depois, suprime um dos cinco, e mostra-me os algarismos 5, 9, 8. A minha resposta immediata é: tirou um 5.

Outro exemplo, para não restar a menor duvida. Seja 1764 o multiplicando. Feita a operação, o menino mostra-me os algarismos 5, 0, 7, 6; e eu respondo: poz de parte um cifra. De facto, o menino tinha multiplicado 1764 por 49, o que dera em resultado 70560.

Admira-se da minha habilidade? Pois não se admire. A minha sciencia reduz-se a ter-lhe apresentado um multiplo de 9. Seja qual for o multiplicador escolhido, o resultado será sempre um multiplo de 9. Ora, quando um numero é divisivel por 9, a somma dos respectivos algarismos, considerados como simples unidades, é igualmente divisivel por 9.

Por exemplo: sendo 1872 divisivel por 9, a somma  $1 + 8 + 7 + 2$ , ou 18, é forçosamente um multiplo de 9. Se, portanto, o menino me apresentar os algarismos 2, 7, 4, 5, 3, eu sommo-os, e vejo que tenho 21. O algarismo subtraído foi de certo um 6, porque o primeiro multiplo de 9, depois de 21, é 27.

Ha, comtudo, um caso que pode embarçarmes. Se suprimirmos uma cifra ou um nove, hesitarei entre ambos. N'esse caso especial, digo ao menino que divida em dois o algarismo; e se o vir hesitar, concluirei que é uma cifra; se, pelo contrario, começar a fazer mentalmente a operação, digo logo que o algarismo suprimido é um 9.

## AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR EMILIO DESBEAUX

(Continuado do numero antecedente)

## CAPITULO II

O MARIDO E O PAE

Susana foi a correr ao quarto da senhora de Sannois.

— Sou eu, mamásinha! — disse ella abrindo a porta.

A senhora de Sannois era muito bem parecida e figurava ser ainda moça, apesar de ter já um filho de vinte e seis annos. Ao ver Susana, beijou-a carinhosamente, mostrando-se admirada de estar já tão cedo vestida e preparada.

— Vim mais cedinho, — disse Susana apon-

tando para os telhados brancos, que se viam atravez dos vidros — para te perguntar se sabes a razão porque cahe a neve.

A senhora de Sannois, habituada á louvavel curiosidade de sua filha, não pôde deixar de sorrir.

— Sei, sim, minha joia; mas o teu avô e o teu mano sabem-no melhor do que eu. Interroga-os.

Susana olhou para o relógio, que marcava nove horas.

— O Paulo de certo foi já para os seus trabalhos. Resta-me o avôsinho; vou ter com elle.

— Espera um momento, minha filha — acudiu a senhora de Sannois, detendo meigamente Susana. — Tens muito tempo para ir apoquentar o avô, que se levanta mais tarde do que nós.

Susana teve de sujeitar-se ao adiamento. Sentou-se defronte de sua mãe, ficando entre ambas uma pequenina meza onde estavam já preparadas duas chavenas de chocolate.

Apenas, porém, se sentou, a neve recomeçou a cahir com mais violencia. Levantara-se vento que, sibilando lugubrememente, envolvia a neve em grandes turbilhões. A cada momento vinham grandes flocos desfazer-se de encontro ás vidraças.

A senhora de Sannois afastára a sua chavena, e, encostando a cabeça á mão esquerda, olhava fixamente para o exterior.

O seu olhar diligenciava atravessar o enorme véu branco, que parecia cahir aos bocados. Conservava-se silenciosa e pensativa perante aquella desolação da natureza.

Susana tambem abandonára o seu chocolate, distraindo-se a olhar atravez dos vidros da janella. De repente, voltou-se para sua mãe, e vendo-a tão profundamente pensativa, não se atreveu a fallar.

Afinal, brandamente, timidamente, como se já suspeitasse a resposta que ia ouvir, perguntou:

— Em que pensa, mamã?

A senhora de Sannois não respondeu; limitou-se a volver para a sua adorada filha um significativo olhar, no qual transluzia uma tristeza immensa.

Susana comprehendeu.

— Coitadinho do papá! — murmurou ella.

A mãe curvou lentamente a cabeça.

Mas ao mesmo tempo Susana lançou-se-lhe nos braços, cobrindo de beijos e lagrimas o rosto da sua mamásinha.

A esposa e a filha diligenciavam consolar-se mutuamente.

O sr. de Sannois era capitão de fragata. Havia já bastantes mezes que partira para a Nova-Caledonia, em missão do governo.

Finalmente, acabava de ser chamado a França, e sem duvida á mesma hora em que a tempestade de neve affrontava o palacio de Sannois, o navio do pae de Susana debatia-se sobre as ondas do Oceano.

Quem sabe se estaria a braços com uma tempestade ainda mais terrivel!

A mãe e a filha como que viam o navio debattendo-se entre as ondas furiosas, com as velas



A menina Susana

rasgadas pelo vento, os mastros partidos; e, sobre a ponte meio destroçada, um homem dirigindo a manobra, que os pobres marinheiros, quasi tontos e cegos pela furia do vendaval, mal podiam executar.

O homem que Susana e sua mãe entreviam, na imaginação, era o pae, era o marido!

Eis o motivo porque Susana chorava, abraçada na mãe, que egualmente derramava silenciosas lagrimas.

A senhora de Sannois cobrou um pouco de animo, e repellindo os seus negros pensamentos,

enxugou os olhos e passou o lenço pela carinha lacrimosa da amovel Susana.

Justamente n'aquelle momento a neve cessou de cahir. Apresentou-se no céu um claro, parecendo que o sol fazia a maior diligencia para rasgar as incommo-dativas nuvens que lhe occultavam a terra.

Aquella mudança reanimou a senhora de Sannois, que disse á Susaninha:

— Não choremos mais, minha querida filha, e façamos votos para que sejam infundados os nossos reccios. Teu pae é um marinheiro muito

habil; o seu navio é talvez o melhor da armada franceza, e nada nos indica que o mau tempo o tenha perseguido na sua longa travessia.

E como Susana ficasse ainda apprehensiva, a carinhosa mãe accrescentou n'outro tom:

— Vê lá se te esqueces da tua pergunta.

— Que pergunta?

— A que desejas tazer ao avô.

— Ah! é verdade: o motivo porque cabe a neve.

E como se a curiosidade retomasse o seu logar junto de Susana, a encantadora menina correu a bater á porta do quarto do seu avôsinho.

— É, é!

— Então se é, para que dizia não?

— Eu dizia: não, não venho apoquentar-te.

— Mas n'esse caso, que pretende a menina Susana?

— Desejo perguntar-te uma coisa.

— O que vem a ser essa coisa?

— Abra a porta, sr. avô, e já fica sabendo —olveu Susana, diligenciando, á imitação do bom velho, engrossar a sua vozinha aflautada.

O sr. de Beaucourt não resistiu áquella ordem dada com tanta graça: abriu a porta.

(Continúa)



Debatendo-se entre as ondas furiosas... pag. 11

### CAPITULO III

#### O AVÔ E A NETA

### O CORVO E A RAPOSA

(FABULA DE LAFONTAINE)

O senhor de Beaucourt, pae da senhora de Sannois e, por consequencia, avô da nossa Susaninha, era um velho ainda muito bem conservado, vestindo sempre com apuro, sempre de barba feita, e possuindo ainda bastos cabellos, se bem que todos brancos. Tinha sempre nos labios um sorriso; o olhar, puro, vivo, como o de um rapaz, denunciava uma longa vida ajuizada.

Sentindo bater na porta, o ancião adivinhou logo quem era o visitante. Sem embargo, para se divertir, o que fazia todas as manhãs, perguntou engrossando a voz:

— Quem é?

— Sou eu, a Susana.

— Ah! é a menina Susana que vem mais uma vez apoquentar o seu pobre avô?

— Não, não! — gritou Susana.

— Não?... não é a menina Susana?

O corvo, empoleirado em faia annosa,  
Tinha no bico um queijo, dos pequenos;  
Attrahida p'lo cheiro, uma raposa  
Assim lhe falla, pouco mais ou menos:

— Bons dias, senhor corvo — muito á seria, —  
Se tens voz como penas tens bonitas,  
Es a phenix dos bosques em que habitas.

Não cabe em si o corvo ouvindo a léria,  
E p'ra mostrar da voz toda a belleza,  
Do bico, que abre, cahir deixa a presa.  
Deita-lhe a unha, lépida, a raposa  
E diz: — Decóra esta sentença sábia:  
No mundo o lisongeiro vive e gosa  
A custa d'esse que lhe escuta a labia.

Vale a lição um queijo, hão de covir.  
Não gostou nada o corvo do brinquedo;  
Jurou de n'outra igual jamais cahir...  
E pena foi o não jurar mais cedo.

Trad.— J. I. D'ARAÚJO.

## ABAIXO A PALMATORIA!

COMEDIA INFANTIL EM 1 ACTO

## PERSONAGENS

D. ENGRACIA (*Directora de collegio, velha rabugenta e curta da vista.*)  
 CLOTILDE... (*Menina de 9 annos, um bocadinho travessa e não muito amiga dos livros.*)  
 JULIO..... (*Rapaz de 12 annos, esperto, applicado, o melhor estudante do seu collegio.*)

Um gabinete modesto. Porta ao fundo e lateraes. Á E. uma janella que dá para o jardim. A D. uma meza com livros.

## SCENA I

CLOTILDE e D. ENGRACIA

(*Ao subir o panno a scena está deserta. Ouve-se fora o estrondo de um movimento de carrim e o tilintar de loiça partida. Em seguida gargalhadas de crianças, choro de Clotilde e reprehenções de D. Engracia. Pouco de abbrev está a porta do fundo e entra, trazendo Clotilde segura por um braço.*)

D. Engracia — Agora ha de ficar aqui fechada, sua estouvada d'uma figa!

Clotilde (*choramigando*) — O minha senhora, não foi por querer!

D. Engracia — Cale a boca, sua atrevida! Parece que tem o demonio no corpo! Hei de benzela com alecrim.

Clotilde — A Perpetua é que me empurrou...

D. Engracia — Cale a boca, já lhe disse! É a vergonha do meu collegio! Sempre aos saltos, sempre ás cabriolas, que nem uma cabrinha do monte. E a respeito de estudar, isso então é uma miseria.

Clotilde — Eu hontem sube a lição.

D. Engracia — Pois ámanhã tambem ha de sabel-a, essa lhe juro eu, porque não sahe d'aqui sem m'a dizer na ponta da lingua. Ahi tem livros em cima da meza. Estude. Logo cá virei a saber o que tem feito.

Clotilde (*chorosa*) — Eu estudo, minha senhora, mas não me deixa aqui sosinha!

D. Engracia (*retirando-se*) — Quem faz diabruras sujeita-se ao castigo.

Clotilde (*seguindo-a e implorando*) — Senhora D. Engracia!...

D. Engracia — Muito juizinho! (*Sahe fechando a porta á chave.*)

## SCENA II

CLOTILDE, 80

Senhora D. Engracia, senhora D. Engracia, eu não torno mais! Abra-me a porta! (*Chora n'um grande berreiro; mas vendo que não é attendida, pára de repente, e diz n'outro tom, fazendo figas para a porta.*) Figas, figas, velha tonta e rabugenta! (*Descendo*) E então, não me deixou aqui fechada! E logo hoje, á quinta feira, quando as outras meninas andam a brincar! No fim de contas, eu não tive a culpa. Estavamos todas na sala grande a jogar a cabra-cega. A cabrinha era eu. As outras davam me palmadas nas costas, puxavam-me pelo nariz, atormentavam-me com piparotes. Eu andava já desesperada por não poder agarrar nenhuma. N'isto, como estavamos fazendo muita bulha, appareceu a senhora D. Engracia para nos reprehender. Sentindo passos perto de mim, estendi os braços, e agarrei uma coisa. Era ella, a D. Engra-

cia. (*Fazendo voz de velha*) «Largue-me, atrevida!» (*Natural.*) «Não te largo, has de ficar». A velhota queria desprender-se de mim, mas eu segurava-a com força. Larga, não largo, larga... zaz! tropeçamos com a meza, esta cabe ao chão, e com ella as jarras, as flores, os bonecos... e tambem a mestra! Tirei então o lenço dos olhos, e imaginei como eu fiquei! As outras meninas riam como perdidas, a senhora D. Engracia ralhava, eu chorava... um dia de juizo! Ora digam lá os senhores se eu tive a culpa? Com o lenço nos olhos, como havia de ver a mestra? Sim... eu bem a vi, porque tinha um bocadinho levantado, e bem lhe conheci a voz... mas isso é que ella não sabia! Quem a mandou vir metter-se no meio das creanças? (*Ouve-se fóra vozes de creanças cantando.*) Ora isto! lá andam as outras a cantar e a brincar, e eu aqui presa! (*Subindo e gritando.*) Senhora D. Engracia! abra-me a porta! Eu não torno mais! Minha rica senhora D. Engracia! tenha dó da sua Clotildesinha! Prometto nunca mais ser cabra... cega! (*Pausa.*) Nada, não faz caso! Ah! sim? Pois espere, vou deitar a casa a baixo. (*Começa a derrubar as cadeiras, contando.*) Uma! duas! tres! quatro...

## SCENA III

CLOTILDE e D. ENGRACIA

D. Engracia — Então que desaforo é este? A menina endoideceu?...

Clotilde — Não quero estar presa.

D. Engracia — Não quer? Pois a menina tem querer?... Ha de continuar aqui fechada, e muito quietinha, senão amarro-a com uma corda.

Clotilde (*chorando*) — Ih! ih! ih!

D. Engracia — Então já sabe a lição?

Clotilde (*idem*) — Ih! ih! ih!

D. Engracia — Vamos, responde, menina: já sabe a lição?

Clotilde (*chorando com mais força*) — Ih! ih! ih!

D. Engracia — Ah! elle é isso? pois espere ahi! (*Sahe pelo fundo.*)

## SCENA IV

CLOTILDE, 80

Clotilde (*chora em quanto D. Engracia não desaparece, depois, mudando de tom, diz:*) — Que irá fazer o demonio da velha? Sempre lhe tenho uma raiva! E a caçoada que me espera das outras meninas! Mas tambem preparem-se para apanhar bem bons belisões! Olá! — E se eu me safasse? A D. Engracia deixou a porta aberta... Ora! (*Corre para a porta do fundo, mas ao mesmo tempo entra D. Engracia, com a qual vai esbarrar.*)

## SCENA V

CLOTILDE e D. ENGRACIA

D. Engracia — Jesus! Esta menina está espi-tada! Cruzes!

Clotilde (*chorando*) — Ih! ih! ih!

D. Engracia (*mostrando umas orelhas de burro feitas de papel*) — Venha cá.

Clotilde — Para que?

D. Engracia — Venha cá, já lhe disse.

Clotilde — Eu não preciso de toucado.

*D. Engracia* — Não me seja atrevida! Olhe que chamo o Alonso para a prender com uma corda!

*Clotilde* (chorando) — Ih! ih! ih!

*D. Engracia* — Chegue-se cá. (Clotilde aproxima-se com modo decidido e cabeça levantada.) A menina não quer ter emenda... (Põe-lhe na cabeça as orelhas de burro. Clotilde continua impassível.) Gosta do *tocado*? Que lhe parece? Ah! não diz nada? Quer que lhe vá buscar um espelho para se ver?

*Clotilde* (por entre dentes) — Estou-me vendo.

*D. Engracia* — Que diz?

*Clotilde* — Nada.

*D. Engracia* — Cuidei! Agora aqui tem o livro. (Dá-lhe um dos livros que estão sobre a mesa.) Estude. (Leva-a pela mão para defronte da janella.) Aqui, que é para a verem bem os meninos do collegio alli defronte. Hei de amansal-a! Quando souber a lição, virei libertal-a. Chame por mim. (Sabe pelo fundo.)

*Clotilde* (apenas vê sahir D. Engracia, levanta-se da cadeira de ao pé da janella e atira com o livro ao chão.) Eu um dia mordo na velha!

*D. Engracia* (fóra) — Olhe lá, Clotilde.

*Clotilde* (deita a correr para a cadeira da janella, e não tendo tempo de apanhar o livro, abre as mãos e finge que lê.) — Quem foi o primeiro rei de Portugal? — *D. Affonso II.* — De quem era filho? — *D. Affonso III.*

*D. Engracia* (entrando) — Quero prevenil-a de que vou dizer ao Alonso que tenha a corda prompta. (Sah e fecha a porta á chave.)

*Clotilde* (sem se voltar) — Quem foram os homens mais notaveis do reinado de D. Manuel? (Reparando que D. Engracia sahiu.) Eu sei cá!

(Continúa)

MATTOS MOREIRA.

## CONTOS DO TIO ESGUELHA

### I

#### OS FILHOS DO PESCADOR

##### Conclusão

O tio Esguelha fez uma nova pausa, muito de proposito para observar se a sua historia produzia effeito. De facto, não perdera as palavras, porque os pequenos gritaram logo com a sua voz aflautada:

— E depois, tio Esguelha, e depois?

— Conte o resto!

— Pois vossês ainda não estão fartos? — voltou o bom do velho, sorvendo outra pitada.

— Não, senhor — acudiu um rapazote já espigado — queriamos saber qual foi a primeira coisa que fez no outro dia o lavrador.

— Pois então lá vae.

E o tio Esguelha continuou a sua historia.

«O lavrador reparara que, na occasião do velho se ir embora com as quatro creanças, lhe andava por cima da cabeça assim a modos como a claridade d'uma luz que se visse atravez d'uns vidros amarellos. A coisa deu-lhe que pensar, até que por fim começou a crer que o homem

era algum santo. A noite foi-se deitar, mas de maneira alguma podia dormir.

— Se é um santo, — pensou elle — pôde muito bem sahir certo o que elle me disse... Que demonio hei de eu fazer quando me levantar?...

E assim levou toda a noite, até que se ergueu ao romper da aurora.

— Chegou a occasião de ter muito juizo — disse elle — O que eu fizer agora, repete-se durante todo o dia. É necessario aproveitar. Eu já sou rico; mas a riqueza nunca é de mais para fazer figas aos invejosos. Dizem que sou avarento; elles é que são uns gulosos, que me querem tirar os olhos. Trabalhem. — Mas vamos a isto. Não sei que faça... Eu podia ir medir trigo... mas não, talvez seja melhor contar di-neiro... ou então...



Por fim appareceram os miolos!

E n'estas indecisões principiou a coçar brandamente na cabeça. Depois, quiz retirar a mão, mas não poudes: os dedos continuavam a arranhar o cabelo, e cada vez mais depressa. As unhas fôram-se enterrando no casco... por fim appareceram os miolos!

Assim levou todo o dia o desventurado, e quando á noite voltou o santo a procurar o lavrador, encontrou apenas um cadaver!...

Com a lavadeira o caso fôra outro. A caridosa mulher levou os orphãos para a sua casinha, deu-lhes de comer, fez-lhes muitas festas para os distrahir das saudades que tinham do pae, e á noite, depois de os acompanhar nas suas angelicas orações, accommodou-os sobre uns molhos de palha, porque não tinha melhor cama, e foi ella propria deitar-se. Dormiu socegradamente toda a noite, como dorme sempre quem tem a consciencia tranquillã, sem mais se lembrar da prophecia do santo.

Ao luzir da manhã levantou-se, e o seu primeiro cuidado foi ir ver, pé ante pé, se os orphãosinhos estavam socegados. Ao vê-los aconchegados uns aos outros, dormindo o somno da innocencia, com um meigo sorriso nos labios, a virtuosa

lavadeira sentiu escorregar-lhe pelas faces queimadas uma lagrima de alegria. A lagrima, porém, ao cahir no ladrilho fez bulha. A boa mulher admirou-se, e quando baixou os olhos para ver o que era, mais duas lagrimas foram juntar-se á primeira...

A lavadeira soltou um grito de espanto: no chão brilhavam tres pedrinhas: eram diamantes! Começou a chorar de alegria, e quanto mais chorava, mais diamantes se amontoavam no tijolo!

— Bemdito seja Deus! — exclamou a virtuosa mulher. — Agora sou rica... terei pão de sobra para dar aos meus filhos e aos orphãosinhos que Deus me enviou!...

E todo o dia levou a chorar, sendo cada lagrima um precioso brilhante!»



No chão brilhavam tres pedrinhas...

— Vêem, rapazes — concluiu o tio Esguelha em tom sentencioso — quem faz bem aos pobresinhos recebe sempre farta recompensa de Deus.

— Essa historia é muito bonita — disse um dos ouvintes. — Conte-nos outra, tio Esguelha.

— Hoje não, rapazes: amanhã, se souberem as lições: e para isso é necessario que vão para casa estudar.

Os rapazitos despediram-se do bondoso velho, e foram alegremente estudar as suas lições, para na tarde seguinte poderem ouvir outra historia ao tio Esguelha.

MATTS MOREIRA

## ALEGRIAS

Um dia, á sobremaneira, a mãe do menino Augusto disse-lhe em tom sentencioso:

— Agora vae estudar as tuas lições. Não guardes nunca para amanhã o que poderes fazer hoje.

— N'esse caso, mamã — voltou o rapazito, que

não tinha nada de tolo — deixe-me comer hoje o resto do arroz doce: escusa de ficar para amanhã.

Uma senhora disse á sua criada:

— Olha que não estou em casa para ninguem, Joanna.

D'alli a pedaço, a senhora tocou a campainha para chamar a criada; a Joanna, porém, não fez caso. A senhora tornou a tocar, uma e mais vezes, e vendo que a rapariga não apparecia, foi ter com ella.

— Não ouviste chamar-te? — disse-lhe zangada.

— Então a senhora não me disse que não estava em casa?

Kisabouro, um japonuez economico até ao exagero, deixou a sua antiga habitação e foi alugar uma casita, que ficava ao lado d'uma taberna muito afamada pelas excellentes frituras de eirozes que costumava fazer.

O cheiro das eirozes espalhava-se por uma boa parte da rua, o que fez com que Kisabouro se felicitasse pela sua mudança de domicilio, porque, aproveitando o delicioso cheiro, comia o seu modesto arroz cosido sem precisar ajuntar-lhe um pouco de peixe ou de legumes.

Mas o peor é que, dentro em pouco tempo, o homem que frigia as eirozes deu pela coisa, e um bello dia apresentou ao seu frugal visinho a conta do cheiro das suas frituras.

Kisabouro olhou muito serio para o taberneiro, examinou a conta, e poz sobre ella o dinheiro reclamado, começando a conversar com o visinho. Afinal, o taberneiro levantou-se para se retirar, e então Kisabouro tornou a guardar tranquillamente o seu dinheiro.

— Que é isso? — disse admirado o homem das eirozes. — Cuidava que esse dinheiro era para mim!

— Não, senhor — respondeu o outro. — O visinho quer que lhe satisfaça o preço do cheiro das suas eirozes, eu pago-lhe com a vista do meu dinheiro. Estamos quites.



## CORRESPONDENCIA

SETUBAL — Ernesto... — Muito lhe agradecemos, meu menino, as boas palavras que dirige ao *Jornal da Infancia*. Alegria-nos devêras que lhe agradasse o nosso jornalinho. Como verá, o seu pedido teve prompto despacho. Deseja uma comediadinha para representar no proximo carnaval: n'este numero vae uma parte, e no seguinte irá o resto. O papel de D. Egracia pôde ser desempenhado por uma menina, ou mesmo por um menino, com a caracterisação appropriada. Terá até mais graça.

Escreva-nos quando quizer. O *Jornal da Infancia* está sempre á disposição dos seus jovens leitores; só lhe pedimos que o recomende aos seus collegas.

LISBOA — Leopoldina... — Primeiro que tudo, minha querida menina, felicito-a pela sua bella calligraphia e correcta orthographia. Apenas um erro. O que nos pede é que é impossivel. O conto do *Tio Esguelha* ainda poderia vir todo n'um numero; mas não as *Perguntas de Susana*, que são muitas. Se ella é tão curiosa! tão amiga de saber! D'accordo que ficasse zangada por não saber o resto d'aquellas historias; mas tenha paciencia. Com mais anciedade: Terá esperado o segundo numero do *Jornal da Infancia* e é esse justamente o nosso desejo.